**Projeto de Pesquisa e Planejamento de Atividades**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Aluno**: Renato Godoi da Cruz | | **Data início curso**: 11/05/2021 |
| **Orientador**: Auberth Henrik Venson | | **Defesa em:**  12/2022 |
| **Curso**: MBA Data Science e Analytics | **Modalidade**: Distância | Turma: 202 |

1. **Título do projeto**

**Comparação de algoritmos de agrupamento espacial: um estudo de caso sobre a pobreza de bairros da cidade de São Paulo**

1. **Introdução**

*(Contextualizar e apresentar a problemática do tema geral, ou seja, a importância do tema proposto e sua relevância. O texto deverá ser escrito de forma impessoal e toda informação utilizada deverá ser embasada por meio de trabalhos de fontes confiáveis com as devidas citações dos autores)*

Este trabalho consiste na análise da pobreza ao longo do tempo dos setores censitários da cidade de São Paulo. Estatisticamente, isso será atingido aplicando e comparando técnicas de agrupamentos para associar setores censitários que seguiram trajetórias semelhantes de mudança nos níveis de pobreza.

O setor censitário é a menor unidade territorial, formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País.

Por esta razão, os arquivos com dados agregados por setor censitário foram originalmente concebidos como cadastros básicos de áreas para a seleção de amostras para as pesquisas domiciliares. Tinham, portanto, as variáveis de descrição da divisão territorial brasileira e algumas variáveis de porte ou tamanho dos setores, para estratificação dos setores e seleção de amostras com probabilidades desiguais (amostras com probabilidade proporcional a uma medida de tamanho do setor), além de variâncias de algumas variáveis para facilitar a determinação do tamanho das amostras. A partir do Censo Demográfico 1991, estes arquivos passaram a incorporar mais variáveis em nível de setor, como forma de produzir rapidamente resultados para subdivisões geográficas não atendidas pelas publicações do censo.

Para o Censo Demográfico 2000, o IBGE produziu um primeiro arquivo agregado com base nos dados da Sinopse Preliminar. Posteriormente, com a conclusão dos trabalhos de crítica dos dados de universo do Censo Demográfico 2000, o IBGE produziu a primeira edição do arquivo agregado por setores, com 527 variáveis sobre características dos domicílios, dos seus responsáveis e das pessoas residentes, sem cruzamento dos quesitos do questionário básico do Censo Demográfico 2000, com exceção do sexo. A segunda edição do arquivo Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo foi gerada a partir dos microdados do universo do Censo Demográfico 2000 e é composta por planilhas para cada Unidade da Federação, abrangendo mais de 3.200 variáveis. Esta é a primeira edição desse arquivo, agora com resultados definitivos do Conjunto Universo, contendo os resultados para as mesmas variáveis que foram divulgadas na publicação “Censo Demográfico 2010 - Características da população e dos domicílios - Resultados do universo“, em novembro de 2011, em nível de Grandes Regiões, Unidades da Federação, Municípios, Distritos, Subdistritos, Bairros e Regiões Metropolitanas. Estão previstas outras edições desse arquivo para incorporar as variáveis sobre rendimentos das pessoas e dos domicílios, tipologia do setor censitário e características do entorno dos domicílios urbanos, após o término das etapas de apuração desses resultados.

Além das variáveis de identificação geográfica (Grandes Regiões, Unidades da Federação, Mesorregião, Microrregião, Região Metropolitana ou RIDE, Município, Distrito, Subdistrito, Bairro, Setor, Situação do Setor e Tipo do Setor), as informações em nível de setor estão distribuídas em planilhas, uma por Unidades da Federação, com cerca de 3.000 variáveis, que abrangem as seguintes características da população residente: sexo, idade, cor ou raça, condição no domicílio; pessoas responsáveis pelo domicílio; alfabetização; registro de nascimento das crianças de até 10 anos de idade; e características dos domicílios particulares.

Complementa este produto de disseminação uma planilha com a descrição dos setores para cada Unidade da Federação.

(APPARICIO, RIVA e SÉGUIN, 2015) (FÁVERO e BELFIORE, 2017)

Setor Censitário do Município de São Paulo <http://dados.prefeitura.sp.gov.br/es/dataset/setor-censitario-do-municipio-de-sao-paulo>

K-Means Clustering, Mean-Shift Clustering, Density-Based Spatial Clustering of Applications with Noise (DBSCAN), Expectation–Maximization (EM) Clustering using Gaussian Mixture Models (GMM), Agglomerative Hierarchical Clustering - <https://towardsdatascience.com/the-5-clustering-algorithms-data-scientists-need-to-know-a36d136ef68>. Latent class growth modelling (LCGM)

1. **Objetivo**

*(Qual o objetivo principal do trabalho, ou seja, qual pergunta deve ser respondida ao final da sua pesquisa)*

Objetivos do estudo

Com o objetivo de descrever as trajetórias de mudança da pobreza dos setores censitários da melhor maneira, o objetivo deste estudo é aplicar e comparar técnicas de agrupamento a 20 anos de dados do censo (3 censos) para identificar grupos de setores censitários que seguiram trajetórias semelhantes de pobreza entre 2000 e 2010. Aplicamos as técnicas *~~k-means~~* ~~e~~ *~~LCGM~~* para avaliar qual método tem melhor desempenho na identificação de trajetórias de pobreza. A seleção da classificação mais precisa representa um passo crucial antes de desenvolver modelos explicativos das mudanças socioeconômicas que operam nas áreas metropolitanas.

Veremos mais adiante que essas abordagens permitem maximizar a variação entre trajetórias e minimizar a variação dentro das trajetórias. Esta etapa é crucial se o objetivo é identificar os determinantes da mudança da vizinhança e medir sua importância relativa. Este artigo baseia-se em trabalhos anteriores definindo trajetórias de pobreza usando cinco pontos de tempo, permitindo que a magnitude e a mudança de direção da pobreza variem em cada ponto de tempo.

Essa precisão, no entanto, vem com desafios metodológicos, incluindo a construção de um banco de dados longitudinal na escala intrametropolitana (ou seja, no nível do setor censitário) com dados socioeconômicos e fronteiras geográficas comparáveis e harmonizados ao longo de vários anos censitários.

Outro desafio metodológico é encontrar a abordagem mais precisa para grupos de bairros caracterizados por uma evolução semelhante de sua população pobre ao longo do tempo, com cada grupo (ou seja, trajetória) sendo mais diferente entre si. Na próxima seção, discutiremos duas técnicas possíveis.

Vários estudos demonstraram que a precisão de agrupamento do k-means é superior à do HCA, especialmente quando calculado em grandes conjuntos de dados (ver, por exemplo, Abbas, 2008). Além disso, os resultados do HCA variam de acordo com a métrica de distância (distância euclidiana, distância euclidiana quadrada, distância de Mahalanobis, etc.) Para evitar a comparação dos resultados dos modelos LCGM com várias variantes do HCA, optou-se pelo agrupamento k-means.

1. **Material e Métodos**

*(Descrever o(s) método(s) de coleta de dados e a(s) ferramenta(s) de análise a ser(em) utilizada(s) no trabalho de conclusão de curso, ou seja, como será a condução da pesquisa e a forma de obtenção dos resultados, por exemplo, fontes de dados, técnicas, procedimentos, índices, entre outros)*

Área de estudo (quantidade de setores censitários) e dados (dados dos censos – descrição dos dados, etc, etc).

|  |
| --- |
| Os dados publicados pelo IBGE para o Município de São Paulo (MSP) estão organizados por Distritos  Administrativos (DA) ou Setores Censitários. Para o Censo 2010 a cidade foi dividida em 18.952 setores censitários. A organização dos dados por Distrito e por Subprefeitura é feita pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e os dados podem ser consultados em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/index.php/>. Os dados relativos às CRS e STS foram trabalhados pela Gerência de Geoprocessamento e Informações Socioambientais (GISA) da Coordenação de Epidemiologia e Informação (CEInfo). |

Este estudo está situado na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, Brasil e compreende uma população de cerca de 12.396.372 de habitantes distribuídos por um território de 1.521,202 km² em 2010 (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>, 2022). A cidade apresenta 92.6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 74.8% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 50.3% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 225 de 645, 517 de 645 e 83 de 645, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 317 de 5570, 2779 de 5570 e 419 de 5570, respectivamente.

A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 11.21 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0.3 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 277 de 645 e 332 de 645, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 2796 de 5570 e 3907 de 5570, respectivamente.

Em 2019, o salário médio mensal era de 4.1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 47.1%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 4 de 645 e 23 de 645, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 17 de 5570 e 79 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 31.6% da população nessas condições, o que o colocava na posição 305 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 4372 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>

População estimada: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2021.

População no último censo: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Densidade demográfica: IBGE, Censo Demográfico 2010, Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

Salário médio mensal dos trabalhadores formais: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

Pessoal ocupado: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

População ocupada: IBGE, Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) 2019 (data de referência: 31/12/2019), IBGE, Estimativa da população 2019 (data de referência: 1/7/2019).

Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade: IBGE, Censo Demográfico 2010.

IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública): Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2019.

IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública): Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2019.

Matrículas no ensino fundamental: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 25.06.2021.

Matrículas no ensino médio: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 25.06.2021.

Docentes no ensino fundamental: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 25.06.2021.

Docentes no ensino médio: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 25.06.2021.

Número de estabelecimentos de ensino fundamental: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 25.06.2021.

Número de estabelecimentos de ensino médio: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 25.06.2021.

PIB per capita: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA.

Percentual das receitas oriundas de fontes externas: Secretaria do Tesouro Nacional (STN) - Balanço do Setor Público Nacional (BSPN) 2015.

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM): Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD.

Total de receitas realizadas: Contas anuais. Receitas orçamentárias realizadas (Anexo I-C) 2017 e Despesas orçamentárias empenhadas (Anexo I-D) 2017. In: Brasil. Secretaria do Tesouro Nacional, Siconfi: Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: https://siconfi.tesouro.gov.br/siconfi/pages/public/consulta\_finbra/finbra\_list.jsf. Acesso em: set. 2018.

Total de despesas empenhadas: Contas anuais. Receitas orçamentárias realizadas (Anexo I-C) 2017 e Despesas orçamentárias empenhadas (Anexo I-D) 2017. In: Brasil. Secretaria do Tesouro Nacional, Siconfi: Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: https://siconfi.tesouro.gov.br/siconfi/pages/public/consulta\_finbra/finbra\_list.jsf. Acesso em: set. 2018.

Mortalidade Infantil: Ministério da Saúde, Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS 2019.

Internações por diarreia: Ministério da Saúde, DATASUS - Departamento de Informática do SUS, IBGE, Estimativas de população residente.

Estabelecimentos de Saúde SUS: IBGE, Assistência Médica Sanitária 2009.

Área da unidade territorial: Área territorial brasileira 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

Esgotamento sanitário adequado: Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Arborização de vias públicas: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Urbanização de vias públicas: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Hierarquia urbana: IBGE. Regiões de Influência das Cidades 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxos-geograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 31 jul. 2020.

Região de Influência: IBGE. Regiões de Influência das Cidades 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxos-geograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 31 jul. 2020.

Região intermediária: IBGE, Divisão Territorial Brasileira - DTB 2021.

Região imediata: IBGE, Divisão Territorial Brasileira - DTB 2021.

Mesorregião: IBGE, Divisão Territorial Brasileira - DTB 2021.

Microrregião: IBGE, Divisão Territorial Brasileira - DTB 2021.

Os limites geográficos administrativos e censitários na CMA de Montreal mudaram consideravelmente entre 1986 e 2006: o número de setores censitários aumentou de 698 para 825 nesse período. A harmonização dos limites geográficos dos setores censitários era, portanto, necessária. Começando com os limites geográficos dos setores censitários de 1986 (o ponto mais antigo), isso foi alcançado pela agregação de setores censitários contíguos para obter fronteiras em todos os anos censitários. Obteve-se um total de 611 setores censitários.

A pobreza relativa foi medida a cada dez anos entre 2000 e 2010 usando dados do Censo Brasileiro usando a variável “cut-offs de baixa renda” calculada pelo Statistics Canada. ~~Essa variável corresponde ao nível de renda em que uma família gasta 20% ou mais de sua renda (antes de impostos) com o básico (ou seja, alimentação, abrigo e roupas) do que a média de uma família de tamanho similar (Statistics Canada, 2011)~~.

Essa medida é a única do censo canadense que permite identificar pessoas ou famílias de baixa renda em pequena escala geográfica, por exemplo, setores censitários (Apparicio et al., 2007; Séguin et al., 2012). Como a comparação das taxas de níveis de pobreza "brutos" entre setores censitários e ao longo do tempo pode ser influenciada pela economia em mudança (ou seja, períodos de recessão ou prosperidade econômica), a pobreza foi modelada como um "quociente de localização" para que, em cada ponto do tempo, a pobreza a taxa de cada setor censitário foi dividida pela taxa observada para o CMA como um todo; estamos, portanto, usando uma medida de concentração de pobreza relativa. A proporção da população de baixa renda na CMA em cada momento é mostrada na Tabela 2. O quociente de localização fornece uma visão geral de como, a qualquer momento, os níveis de pobreza locais se comparam à média da CMA. Essa medida de concentração é amplamente utilizada em estudos urbanos e regionais (Mikelbank, 2006; Shearmur et al., 2008; Shearmur et al., 2009; Vicino et al., 2011; Walks et al., 2008), e é calculada como Segue:

Um quociente de localização maior que 1 indica uma concentração de pobreza (ou seja, uma porcentagem da população de baixa renda maior que a da CMA), enquanto um valor abaixo de 1 indica uma sub-representação da pobreza (ou seja, uma porcentagem da população de baixa renda menor que a de o CMA)

Métodos de agrupamento LCGM e k-means para identificar trajetórias de pobreza relativa

A geração de trajetórias de pobreza de bairros foi realizada pela primeira vez usando LCGM, pois esta técnica fornece estatísticas diagnósticas sobre a solução ótima de cluster. Estabelecemos como critério inicial que cada conglomerado/trajetória necessitasse de um mínimo de 5% dos 611 setores censitários, ou seja, um mínimo de 30 setores censitários por trajetória. Isso foi definido para garantir um mínimo de observações por trajetória no estágio de validação posterior (por exemplo, e de acordo com o requisito mínimo de observação para análise de regressão). Como não tínhamos a priori o número ideal de aulas, o LCGM foi realizado de 5 a 20 aulas; um mínimo de 5 aulas foi definido para ter um mínimo de diferenciação entre grupos de setores censitários. A solução ótima de agrupamento é identificada por: 1) mínimo de 5% de setores censitários por trajetória; e 2) o menor valor de BIC. As análises foram realizadas no software LatentGOLD (Statistical Innovations).

O agrupamento K-means foi realizado no SAS 9.2 (SAS Institute Inc), especificando novamente 5 a 20 agrupamentos. O valor da distância média ao centroide do cluster para cada solução de cluster foi plotado para identificar uma "quebra natural" na distribuição, indicando a solução de cluster ideal. No final, a escolha do número ideal de soluções de cluster foi informada pela solução LCGM fornecendo o melhor ajuste aos dados.

**Análise estatística**

Para avaliar o desempenho relativo dos modelos de agrupamento ~~LCGM~~ *~~versus~~* ~~o agrupamento k-means~~ na identificação de trajetórias de pobreza relativa, dois conjuntos de análises foram conduzidos. Primeiro, em uma regressão logística multinomial (MLR), as variáveis usadas para a classificação (ou seja, os quocientes de localização de 1986 a 2006) foram modeladas como preditoras das trajetórias (as trajetórias são modeladas como uma variável dependente categórica). Esta abordagem é uma forma de análise discriminante, usada para testar o desempenho de diferentes métodos de classificação (ver, por exemplo, Magidson et al., 2002) ou diferentes números de soluções de cluster. A intensão aqui é usar o R² e as estatísticas de ajuste do modelo desta análise para informar qual das soluções de *cluster* resume melhor a variação na concentração da pobreza.

[falar sobre o modelo multinivel – Favero].

Uma segunda série de MLR foi então conduzida para examinar empiricamente como um conjunto de preditores teoricamente associados à pobreza explica cada trajetória: taxa de desemprego, famílias monoparentais (%), famílias unipessoais (%), idosos (≥ 65 anos) ( %), imigrantes recentes (%), população com baixa escolaridade (%), educação universitária (%) e inquilinos (%) (ver Tabela 2 para uma descrição dos valores tomados pelos preditores entre 2000 e 2010 para a região de estudo).

Essas variáveis foram mantidas porque estudos recentes demonstraram que elas estão fortemente associadas à distribuição espacial da pobreza na CMA de Montreal no setor censitário nível (Apparicio et al., 2007; Séguin et al., 2012). Em modelos de MLR separados, esses preditores foram modelados no início do período, ou seja, 1986, no final, ou seja, em 2006, e como variação entre 1986 e 2006 (por exemplo, taxa de desemprego 2006 - taxa de desemprego 1986). Um modelo final incluindo preditores de linha de base e variação entre 1986 e 2006 foi executado. Para cada modelo, o foco está na força (R-Quadrado) e no ajuste (Critério de Informação de Akaike [AIC] e Critério de Informação Bayesiano [BIC]; valor mais baixo do AIC e BIC são indicativos de melhor ajuste do modelo) do modelo.

1. **Resultados Esperados**

*(Descrever os resultados que são esperados após a realização da coleta e análise dos dados, ou seja, quais resultados são esperados ao final da pesquisa)*

O objetivo deste trabalho é comparar técnicas de agrupamento, agrupamento k-means e modelos de crescimento de classes latentes, a fim de melhor caracterizar trajetórias de pobreza de setores censitários ao longo de um período de dez anos. Assim, a principal contribuição deste artigo para o estudo da mudança de vizinhança é metodológica, contribuindo com novas aplicações de técnicas de agrupamento estatístico para dados longitudinais em nível de área. Os resultados mostraram que as técnicas de k-médias e LCGM foram bem-sucedidas no agrupamento de setores censitários caracterizados por trajetórias semelhantes de mudança nos níveis de pobreza entre 1986 e 2006. Conforme observado em outros estudos, diferentes trajetórias de mudança de bairro na CMA de Montreal foram capturadas, incluindo trajetórias de alta concentração de população de baixa renda em áreas urbanas; áreas suburbanas caracterizadas por uma concentração crescente da pobreza ao longo do período de vinte anos.

Esses resultados corroboram outros estudos que relatam uma suburbanização da pobreza em algumas áreas metropolitanas da América do Norte (Cooke et al., 2006; Madden, 2003); a gentrificação de certas áreas centrais (Heisz et al., 2006; Ley, 1986, 1988; Walks et al., 2008) juntamente com o aumento da concentração da pobreza em outras partes da cidade central durante os últimos vinte anos (Bourne, 1993; Madden, 2003). No entanto, a maioria dos setores censitários são caracterizados por níveis de pobreza um tanto estáveis ​​ao longo do período, seja em termos de níveis estáveis, mas altos de concentração de pobreza, ou em termos de representação estável, mas baixa da pobreza. No entanto, a maioria dos estudos de trajetórias de bairros está principalmente preocupada com a mudança, ou seja, aumento ou diminuição dos níveis de pobreza. No entanto, nosso estudo mostra que algumas áreas têm experimentado persistentemente altos níveis de pobreza entre 1986 e 2006, enquanto em outras, os níveis de pobreza são continuamente mais baixos em comparação com a CMA como um todo.

No geral, os resultados das duas soluções de cluster foram relativamente semelhantes. No entanto, encontramos algumas discrepâncias entre os mapas de trajetórias de privação relativa obtidos pelos métodos k-means e LCGM. Para os setores censitários localizados na periferia, a solução LCGM identificou três trajetórias estáveis ​​com baixos níveis de pobreza contra duas para o k-médias. Nas áreas centrais, a solução LCGM agrupou em uma trajetória 45 setores censitários caracterizados por um declínio da concentração da pobreza como resultado de um processo de gentrificação. No entanto, esses 45 setores censitários estão divididos em duas trajetórias de diminuição da concentração da pobreza na solução k-means. Em outras palavras, a solução de cluster LCGM forneceu mais detalhes nos subúrbios, enquanto o k-means forneceu mais detalhes nas áreas centrais.

Finalmente, os resultados das regressões logísticas multinomiais mostraram que o LCGM superou marginalmente o agrupamento k-means. Como hoje em dia o método LCGM é mais complexo de implementar do que o agrupamento k-means, o k-means ainda parece ser uma abordagem robusta e relevante para estimar trajetórias de mudança de vizinhança onde a variável de agrupamento é medida continuamente (por exemplo, quocientes de localização). Deve-se lembrar, no entanto, que o agrupamento k-means só pode ser aplicado em variáveis ​​contínuas ou binárias, enquanto o LCGM permite a identificação de trajetórias usando variáveis ​​com uma gama de distribuições diferentes (contínua, ordinal, nominal, contagem e binomial). Além disso, com o LCGM, também é possível maximizar trajetórias em função de variáveis ​​externas (como os preditores examinados aqui por sua associação com as trajetórias). Consequentemente, a abordagem LCGM é promissora dada a sua aplicação mais ampla. Por exemplo, LCGM pode ser usado para identificar trajetórias de mudança de vizinhança com base em uma variável de contagem ou uma variável qualitativa. Estudos futuros são necessários para testar aplicações de LCGM para modelar a mudança de vizinhança.

1. **Cronograma de Atividades**

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Atividades planejadas** | **Mês** | | | | | | | | | |
| **3** | **4** | **5** | **6** | **7** | **8** | **9** | **10** | **11** | **12** |
| Pesquisa bibliográfica | **x** | **x** |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Identificação de oportunidades no  mercado “plant-based”, utilizando-se a  matriz SWOT | **x** | **x** |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Contato com indústrias de alimentos e  profissionais que atuem no mercado  “plant-based”, com a finalidade de  obter informações específicas e  enriquecer o trabalho | **x** | **x** |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Aplicação inicial do BMC |  |  | **x** | **x** |  |  |  |  |  |  |
| Avaliação individual de cada bloco que  compõe do BMC |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Confrontamento entre BMC e matriz  SWOT |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Redação da monografia | **x** | **x** | **x** | **x** | **x** | **x** | **x** | **x** | **x** |  |
| Elaboração de manuscrito para publicação |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Elaboração da apresentação da defesa |  |  |  |  |  |  |  |  | **x** |  |
| Defesa |  |  |  |  |  |  |  |  |  | **x** |
| Ajustes da monografia |  |  |  |  |  |  |  |  |  | **x** |
| Elaboração de artigo para publicação em revista especializada |  |  |  |  |  |  |  |  |  | **x** |

Projeto de Pesquisa; Resultados Preliminares; Entrega do Trabalho de Conclusão de Curso; Entrega da Apresentação da Defesa.

1. **Referências Bibliográficas**

APPARICIO, P.; RIVA, M.; SÉGUIN, A.-M. A comparison of two methods for classifying trajectories: a case study on neighbourhood poverty at the intrametropolitan level in Montreal. **Cybergeo: European Journal of Geography**, 2015.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P. **Manual de Análise de Dados - Estatística e Modelagem Multivariada com Excel, SPSS e Stata**. 1ª edição. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2017. ISBN Elsevier Editora Ltda.